

Monstro: uma equação homicida no interior de Santa Catarina

Na matemática, a letra “ x ” representa uma quantidade desconhecida. No Direito, pode representar um assassino frio que matou, estuprou e arrancou os olhos de uma adolescente de 17 anos, cheia de sonhos e com um futuro repleto de possibilidades para desbravar.

“ X ”. Um assassino. Um monstro. O autor de um homicídio e de um estupro — e que ainda continua em liberdade.

Conforme os dias passam, uma mesma pergunta continua a perturbar a minha mente: quem é você, “ x ”? E onde eu posso te encontrar?

A história abaixo é real. Todos os detalhes fazem parte de uma investigação que, hoje, é conduzida pelo Ministério Público.

Ano de 2008. A noite é fria e chuvosa. Estamos no interior de Santa Catarina. O relógio bate às dez horas da noite. As sirenes da escola são ligadas; os alunos do Ensino Médio Estadual estão liberados para voltar para casa. A vítima, F. A. R., de 17 anos, pega carona com uma colega de aula e o namorado dela. Eles seguem até uma intersecção de duas vias públicas.

— Vocês vão para o outro lado? A partir daqui, eu posso ir a pé — F. A. R afirma porque não quer atrapalhar.

Ela desce do veículo e agradece. As amigas se despedem.... pela última vez.

O caminho é de barro, perto de uma grande construção do Município. A rua não tem luzes. A vítima liga os fones de ouvidos e ouve música alta. Passo a passo, ela segue pela rua escura, que está tomada pela penumbra e que espalha um manto de incertezas. Ela caminha sozinha até o momento em que o enigma nasce. Ao passar pela segunda esquina, a vítima sente um objeto pontiagudo nas costas. O coração dá um salto; o corpo enrijece. Quando ela se vira, a adolescente vê um homem. “ X ”. E logo depois...

Na matemática, não existem coincidências. Todos os termos são estampados no papel, com cuidado, para executar uma sequência estritamente lógica. Os resultados são necessários. Se o objeto é um triângulo retângulo, então “ a^2 ” mais “ b^2 ” é

igual a “c²”. Sempre.

No mundo real, tal qual na matemática, talvez as coincidências igualmente não existam. Talvez todos os números que fazem parte do mesmo conjunto estejam conectados por uma fórmula desconhecida.

Eu nunca vi coincidências tão intrigantes.

Um.

Duas semanas antes do crime, a vítima escreveu uma carta para as colegas de aula mais íntimas. Somente aquelas com as quais o seu coração era mais entrelaçado tinham o direito de ler essa carta. Ela agradecia a amizade e dizia que, em breve, a vida dela iria mudar. Contudo, as razões da mudança ficaram ocultas entre reticências. Afinal, iria mudar por qual motivo...?

Duas semanas depois, a vítima foi encontrada morta. No meio do mato, escondida embaixo de galhos. A Polícia apreendeu a carta. Ninguém identificou uma relação com o crime.

Por que sua vida iria mudar, garota? Você prometeu algo para ela, “x”? Você sabia quem ela era? Ou apenas se beneficiou de uma coincidência macabra? Dois.

Na noite do crime, a vítima chegou na aula atrasada e chorando. A tristeza era tamanha que ela não conseguia esconder seus sentimentos nem mesmo na frente de outros colegas, ainda que sujeita à reprovação social e aos comentários maldosos típicos da adolescência. Estranho. Isso nunca tinha acontecido. Por que justo naquela noite?

As colegas correram para acolhê-la. Quando a vítima iria contar a razão do choro, o professor de matemática interrompeu. “*Não atrapalhem a aula; conversem depois*”, o mestre exigiu. Até o fim da noite, ninguém teve a coragem de tocar no assunto. O “*depois*” nunca chegou. O “*depois*” virou nunca mais.

Por que estava chorando, menina? Você magoou a vítima, “x”? Você a encontrou antes do crime? Ou, de novo, apenas se beneficiou de uma coincidência sombria?

Três.

Uma hora antes do assassinato, uma outra garota, B. E., liga para a Polícia Militar. Ela afirma que estava voltando para casa quando, em uma rua que não

tinha iluminação, foi abordada por um homem. Ele segurava um guarda-chuva e uma pistola falsa. B. E. olhou para o rosto do criminoso. A face estava coberta por uma touca de cor azul. O homem fez um questionamento inusitado e, na sequência, ameaçou a vítima:

— Você é estudante, menina? Finja que é minha namorada para que não te aconteça algo pior.

O homem da touca azul leva B. E. até um matagal entre duas casas. A vítima compreende perfeitamente o que vai lhe acontecer. Quando a adrenalina explode em suas veias, ela grita e empurra o homem com forças que nem ela sabia ter. Uma vizinha abre a janela e olha para os dois. Visto pela testemunha, o homem se desespera e sai correndo na direção do Colégio. Naquela noite, ninguém mais encontrou o homem que vestia a touca azul.

Você é o homem da touca azul, “x”? Ou será uma simples coincidência que duas pessoas, em cidade tão pequena e em locais tão próximos, saíram com o mesmo objetivo na mesma noite?

Quatro.

Por fim, um colega de aula e namorada dele afirmam que passaram, a pé, pelo mesmo caminho que a vítima fez na noite do assassinato. Eles saíram da Escola um pouco antes de F. A. R., que ficou conversando com as amigas até conseguir carona. Naquela noite, notaram, durante o trajeto, algo que lhes deixou apreensivos. Apesar de ser uma noite escura e em que chovia, eles perceberam que um homem, segurando um guarda-chuva, estava parado em um terreno baldio, como se estivesse escondido. Quando eles me levam até esse terreno, 15 anos depois, as peças se encaixam: vejo que é o mesmo local em que a vítima foi abordada, como comprovou a perícia.

Você estava escondido nessa esquina, “x”? Você aguardava pacientemente, com uma frieza imperturbável, para consumir uma tragédia? Por que tantas coincidências? Como podemos somar todos os fatores para completar a nossa equação?

Cinco.

De volta à cena do crime, “x” coloca uma adaga nas costas da vítima. Ele caminha, lado a lado com ela, até um terreno em que se cortavam eucaliptos, conforme as marcas no barro deixam claro. Primeiro, ele despe a vítima. As roupas

ainda estão nesse ponto, no dia seguinte, quando o corpo é encontrado.

Presumivelmente, esse é o momento em que ele consuma o primeiro crime.

Depois, as pegadas no chão indicam que a vítima fugiu e correu até as proximidades de um corpo d'água. As pegadas de “x” seguem atrás. Quando ele a alcança, a vítima é derrubada e cai no chão. Os cadarços dos seus tênis são amarrados uns nos outros; imagina-se que para evitar chutes e uma nova fuga. Depois, mais de uma dezena de golpes de faca acertam o peito da adolescente. Um golpe atinge o coração. Os olhos são arrancados. A mandíbula é quebrada, possivelmente com uma pedra, e encontrada a alguns metros do corpo.

— Quem fez isso não é um ser humano. Quem fez isso é um monstro — uma das testemunhas diz, em *off*, antes de ser ouvida pelo Promotor de Justiça. “X” é igual a um monstro. Mas como encerrar a equação? Talvez muitos humanos sejam iguais a monstros quando a película social que cobre o rosto é retirada. Na manhã seguinte, em 13 de agosto de 2008, a filha, tão querida, não aparece em casa e nem no trabalho. Preocupada, a família liga para o celular. Ninguém atende. A família procura a vítima na casa do namorado e das amigas. Ela não está lá. A família, então, refaz todo o caminho que a vítima tomaria para voltar para casa. No início da tarde do dia 13, a família descobre o cadáver.

É impossível descrever qual deve ter sido o sentimento de todos nesse instante. Uma torrente de emoções, dilacerante e avassaladora, deve ter varrido o coração de cada um deles. No corpo, contudo, uma prova incontestável serve como o último lume nesse dia de tragédia: o DNA do autor do crime. Uma centelha de esperança em um dia de escuridão.

No dia 14 de agosto de 2008, o Inquérito Policial é instaurado. Os suspeitos aparecem com uma profusão de pistas. O namorado é a opção mais óbvia. O DNA é coletado. O resultado é negativo.

Depois, todas as pessoas na Cidade afirmam que foi o patrão. Eles não sabem exatamente o porquê; mas foi o patrão. O DNA é coletado. O resultado é negativo. Um terceiro afirma que foi o seu tio. Outro diz que seu amigo confessou que matara a vítima, porque tinha ciúmes dela, e que ele ainda guardava os olhos em casa. Outro sabe que a avó de um familiar contou que foi o seu próprio filho. Os DNAs são coletados. Todos são negativos.

Como terminar essa equação? Devemos completá-la com o número “1”? Talvez com os números “3” ou “5”? Quem sabe a resposta seja um número irracional ou um número que pertença ao plano complexo? Tudo se tenta, nada funciona. Por qualquer ângulo que se calcule, a solução para “ x ” não é encontrada. Já se passaram 15 anos. O Ministério Público continua investigando, ouvindo testemunhas e colhendo informações. O esforço nem sempre é compreendido. Esse caso nunca será solucionado. A probabilidade é muito pequena, dizem até mesmo as pessoas mais próximas.

Racionalmente, a tese é verdadeira. Nos crimes de homicídio, quanto maior a distância para o dia do fato, menor é a chance de uma resposta ser obtida. Isso é probabilidade. Isso é matemática.

E, a despeito dessas verdades, temos um corpo. Temos um homicídio. Temos dois cadarços cuidadosamente amarrados para evitar que a vítima fugisse enquanto sofria a violência. Temos dois olhos que não estavam mais no rosto. Temos uma formatura que nunca aconteceu; uma ida à Universidade que jamais se concretizou; uma família, com marido, filhos e netos, que nunca veio a existir. Temos uma vida inteira, cheia de sonhos, de risos e de meios para ser feliz, que foi surrupiada de uma garota de 17 anos - talvez de muitas outras mulheres enquanto o assassino continua livre.

Mais importante, temos as lágrimas no rosto de uma família que espera um desfecho.

Diante de tamanha tragédia, por que, exatamente, alguém precisa ser racional?

Eu rejeito a lógica. Eu rejeito a matemática. De Descartes a Boole, tudo que eu mantenho é a letra “ x ”.

Nós estamos nos aproximando. Os DNAs continuam sendo coletados. Quando o expediente na Promotoria se encerra, a minha última ponderação sobre a equação algébrica que, há quinze anos, aguarda para ser preenchida é simples: a letra “ x ” representa a crueldade do desconhecido - mas também a esperança de uma solução.

Quem é você, “ x ”? E onde eu posso te encontrar?

“ X ” é igual a ...?